

## MEMÓRIA CAMPINEIRA (29)

## A "PASTORAL" DE COELHO NETO

Leopoldo Amaral, grande jornalista e cronista campineiro (1856-1938), foi durante muitos anos correspondente em nossa cidade de "O Estado de S. Paulo". Nesta qualidade, publicou nas páginas do importante órgão da imprensa paulistana numerosas crônicas sobre o passado de Campinas. Grande parte delas foi reunida para o volume **Campinas: recordações**, publicado em 1927. Deste livro é a página que transcrevemos, sobre a **Pastoral**, de Coelho Neto. Ao contrário de todas as outras crônicas enfilexadas no referido volume, esta não está datada. Todavia, deve ser do início da década de 1920.

"O ilustre escritor Coelho Neto acha-se sob o formoso céu de Campinas, céu azul preconizado por todos que visitam o berço de Carlos Gomes. Está, pois, em terra campineira o presentemente pontífice máximo da literatura nacional.

Vem rever a nossa terra, vem rever fisionomias amigas. Aqui residiu ele, há vinte anos, dignificando em nosso Ginásio<sup>1</sup> a cátedra da matéria em que o seu espírito alcançou a mais brilhante culminância entre os homens de letras, nossos patrícios.

Os seus antigos alunos, muitos dos quais são hoje portadores de honrosos títulos científicos ou de artes liberais, idolatravam o professor que lhes ministrava conhecimentos das letras, de modo finamente inteligente e proveitoso para eles, ao mesmo tempo em que os prendia pelos laços da estima, graças à sua delicadeza de trato e ao carinho derivados de esmerada educação. E esses rapazes de então guardam afetuosamente como preciosas que são, as recordações desse tempo em que pela mente lhes passavam fantasias alegres, devaneios e sonhos cor de rosa, que lá ficaram muito distante e, como disse o poeta saudosamente, aos corações não voltam mais.

A residência de Coelho Neto, pode-se dizer com verdade, constituiu-se um centro artístico de alto quilate, onde as musas concerta-

---

(1) Embora existissem, na época, diversos ginásios em Campinas, a expressão "Ginásio", desacompanhada de qualquer especificação, referia-se sempre ao "Ginásio do Estado", criado em 1896 e instalado no edifício onde outrora funcionara o Colégio "Culto à Ciência", à rua deste nome. Na década de 1940, se a memória não nos falha, quando surgiu o hábito de se darem nomes aos estabelecimentos mantidos pelo Estado, o governo estadual, em lembrança do antigo "Culto à Ciência", deu este nome ao nosso tradicional Ginásio do Estado. (ONM)

vam e inspiravam encantadoras diversões musicais e literárias, que era levadas a efeito por distintas senhoras e senhoritas, exibindo-se produções dos mais notáveis autores.

Olavo Bilac, aquele formoso espírito, aquele coração que era precioso escrínio de afetos, teve ensejo ali de deslumbrar a assistência com as cintilações do seu talento, recitando poesias suas com a pureza de arte impecável que arrebatava. Foi ainda nessa época que Coelho Neto, acompanhado de César Bierrenbach, Campos Novais, outros entusiastas pelo desenvolvimento literário de Campinas, fundou o Centro de Ciências, Letras e Artes, cujos passos preliminares se davam no Clube Campineiro. Ideou e realizou belíssimas festas musicais que se efetuaram na sala do Clube Livro Azul, Clube Campineiro e em diversos lugares, tudo entre flores e cordialidade. Tais reuniões despertaram grandes simpatias no seio da família campineira.

Entre as festas, destacou-se, pela adorável novidade, pela verdadeira beleza da peça, a representação da sua **Pastoral**. Como tudo neste mundo, ela tem a sua história, que é interessante.

Havia aqui o Clube Livro Azul, de pequeno número de associados, tendo como presidente, secretário, toda a diretoria, enfim, encarnada na pessoa do chefe da casa, Castro Mendes. No estabelecimento que lhe emprestava o nome, a associação realizava seus pequenos concertos, fazendo-se ouvir não só música de valor, como também versos primorosos.

Ali nasceu a **Pastoral**. Aproximava-se o Natal (1903). Surgiu uma idéia: fazer-se uma festa de caráter íntimo, ficando Coelho Neto, como o principal do bando, incumbido de escrever alguma coisa sobre o suave mistério.

O plano foi esboçado, porém, aos poucos, crescendo, crescendo, e essa alguma coisa, que deveria ser exibida em sala particular, tomou proporções ! Teve que ser levada para recinto maior e escolheu-se o velho Teatro São Carlos, de cujas cinzas se está levantando agora — nova Fenix — o vistoso Teatro Municipal.

Coelho Neto traçou uma composição, verdadeiro mimo literário, tomando para assunto os três episódios dos livros santos: a Anunciação, a Visitação e o Natal. É indubitavelmente uma das mais delicadas jóias entre os seus apreciados trabalhos de escritor.

Faziam-se os ensaios, que eram concorridíssimos. Reuniam todas as noites os artistas, um luzido grupo de amadores, e a sala de Castro Mendes ficava repleta de senhoras e cavalheiros. Organizavam-se corpos de

coristas de ambos os sexos, nacionais e os associados alemães, do Clube Concórdia, orquestra de amadores sob a regência muito competente de um saudoso musicista Olegário Ribeiro, amador distintíssimo, contando-se nela representantes de várias classes sociais, desde um estimado deputado federal ( 1º violino ), até um modesto artífice ( trombone ).

Eram ensaiadores um farmacêutico, festejado pianista, e um antigo professor alemão. Um poeta e funcionário municipal foi ocupar a caixa do ponto, formando o pessoal da companhia um conjunto em que predominava a cordialidade e obediência cega ao mando inteligente do diretor supremo. Boa vontade geral.

Acrescente-se a isto tudo a valiosa colaboração dos maestros Sant'Ana Gomes ( Prelúdio ), Henrique Oswald ( Anunciação ), Francisco Braga ( Visitação ) e Alberto Nepomuceno ( Natal ). Raríssimas serão as ocasiões em que se encontrem vultos como esses abrilhantando um programa !

Era interessante o embaraço de alguns dos artistas nos primeiros ensaios, devido às distrações. Um personagem tinha que dizer: 'Cabelos compridos como os dos nazires'. Trocava as bolas e lá se safa com esta de se lhe tirar o chapéu: 'Cabelos compridos como os dos narizes'. Outro, um pastor, disparatava: 'Eu que conheço todas as ovelhas do céu como as estrelas do meu rebanho'. Delicioso !

Finalmente, o Teatro São Carlos, na noite de 25 de dezembro de 1903, revestindo-se de galas, brilhantemente iluminado a luz elétrica, pois graças à Casa Livro Azul havia sido instalada, expressamente, pequena usina geradora para a iluminação interna do edificio. Os camarotes, ou varandas, ficaram ocupados quase que por senhoras em ricas *toilettes* e cavalheiros encasacados. O recinto regorgitava. Um céu aberto de flores, sedas e jóias.

De repente, ao ciciar das conversas, sucedeu silêncio absoluto: o maestro Nepomuceno empunhava a batuta oferecida gentilmente por Olegário Ribeiro, para reger a orquestra. O público rompeu uma vibrante salva de palmas, que o maestro, sorrindo e comovido, agradeceu.

Iniciou-se a representação, revelando-se desde logo a música adorável da linguagem do grande estilista. Desenrolaram-se as cenas dos quadros bordados de música magnífica. Aplausos retumbantes e flores em profusão choveram sobre o autor, intérpretes da peça e sobre os colaboradores nesse acontecimento artístico, um dos mais deslumbrantes que se tem visto em Campinas.

A Pastoral foi à cena mais duas vezes, tendo sido o produto da última récita distribuído a instituições de caridade.

E tudo passou ! Essa fase tão distante na existência operosa de Coelho Neto deve despertar-lhe, certamente, esse sentimento indefinível, que é um bem que se padece, assim como acontece a todos que tiveram a ventura de assistir àqueles saraus inolvidáveis. Adaptando aqui palavras de Coelho Neto, traçadas há muitos anos, podemos dizer que nós, os velhos, não vemos senão o passado — de olhos no horizonte de que nos afastamos a mais e mais, contemplando esse fundo que se vai a pouco e pouco abrumando em névoas crepusculares, não vemos o que se passa na planície, cuidamos apenas, talvez com egoísmo, do que fomos, agarrando-nos a reminiscências que nos dão a ilusão dos dias emurchecidos. É uma verdade”.

( Amaral, Leopoldo, **Campinas: recordações**, pp. 211 a 216. São Paulo, Seção de Obras de “O Estado de S. Paulo”, 1927 ).

N. da R. — Pouco após o episódio aqui evocado por Leopoldo Amaral, Coelho Neto voltou para o Rio de Janeiro, aí vivendo até o fim de sua vida, em 1934. Embora sua fase “campineira” durasse pouco — menos de quatro anos —, Coelho Neto conservou dela muita saudade e um carinho todo especial pela cidade. Entre outras coisas — costumava ele dizer —, porque em Campinas nasceu seu filho Paulo (1902), que também se tornou escritor renomado, autor, inclusive, de uma excelente biografia do pai, publicada em 1942. Coelho Neto era maranhense (1864), mas veio criança ainda para o Rio de Janeiro. Quando se decidiu vir para Campinas prestar concurso para a cadeira de Literatura de nosso tradicional **Ginásio do Estado**, já era escritor de renome, tendo sido um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. O “príncipe dos prosadores brasileiros” ( como foi denominado ), acha-se homenageado em nossa cidade, com seu nome numa bela rua na Vila Itapura, na qual se localiza a Igreja de São Paulo Apóstolo. Sobre esta “fase campineira” do grande escritor, ver o excelente trabalho de J. R. do Amaral Lapa, **Coelho Neto em Campinas**, em “Revista de História”, nº 43, 1960.